A carroça

Fernando Pedreira

O que deve vir na frente, a carroça ou o burro? Nos tempos antigos, mais simples e mais rupestres, não havia quem não soubesse responder a essa pergunta. O burro vem na frente. A idade moderna, no entanto complicou as coisas e confundiu os homens. Hoje, muita gente boa já não sabe mais a quantas anda.

As dificuldades começaram com o advento das máquinas a vapor, inventadas (tanto quanto a democracia moderna) pelos ingleses. Nas estradas de ferro, por exemplo, as locomotivas não só puxavam os vagões, como muitas vezes vinham atrás e os empurravam ladeira acima.

Essa nova ordem de coisas seria confirmada e até acentuada pelos progressos tecnológicos posteriores. Na era dos chamados motores de combustão interna, que é a nossa, os veículos freqüentemente trazem a máquina atrás, em vez de trazê-la na frente. É o caso do "fusca", por exemplo, o mais popular (e o mais ordinário) dos carros modernos, aliás inventado por Hitler que inventou também o Mengele.

De tantas peripécias históricas, restou entretanto uma verdade essencial indesmentível: na frente ou atrás, sem o burro a carroça não anda, a não ser ladeira abaixo. Nas etapas planas e nas subidas, ainda que suaves, o burro é necessário. E, muitas vezes, um só não chega.

O Doutor Sarney que me perdoe, mas a idéia do burro e da carroça ocorreu-me a propósito da Nova Repúlica. Está faltando o burro, e a conseqüência é que a carruagem neo-republicana começa a deslizar ladeira abaixo.

Não custa dizer, para evitar mal-entendidos, que o Presidente não seria, no caso (ou na metáfora), o animal de tração, mas o cocheiro, o maquinista. O cocheiro, sabem-no todos, é importante porque as rédeas e o chicote estão nas suas mãos. Se ele hesita e não sabe o que fazer, mesmo havendo burro, não há progresso.

E eis aí como a simples consideração dos fatos políticos nos obriga a avançar no nosso raciocínio. Da carroça e do burro, passamos à competência do cocheiro. Nessas poucas semanas em que lhe tem cabido segurar as rédeas da República, o Doutor Sarney está se revelando menos um João Goulart ou um Café Filho do que um Jimmy Carter caboclo. Um Jimmy Carter de bigodes.

É preciso dizer que essa descoberta reveladora deve-se a um observador das coisas brasileiras que é também íntimo conhecedor do quadro norte-americano recente. O nosso Presidente Sarney é assíduo, dedicado e diligente; está cheio de boas intenções e firmemente decidido a não errar. É paciente e até humilde, e é capaz de sentar-se e discutir semanas a fio, na tentativa de conciliar teses e interlocutores contraditórios, ainda que sejam israelenses e egípcios (ou monetaristas e estruturalistas).

Jimmy Carter operava em Camp David; o nosso Doutor Sarney opera na Granja do Torto. A tantas qualidades e tantos esforços corresponde, entretanto, uma contraface, uma contrapartida inevitável. Tanto quanto o seu notável êmulo norte-americano, o Presidente brasileiro está revelando uma teimosa incapacidade de optar com a necessária rapidez; uma relutância, digamos, visceral a agir e reagir com presteza diante das opções que os acontecimentos vão atirando à sua frente.

Até aqui, o que têm feito os críticos do Presidente (e também muitos dos seus melhores amigos e conselheiros), é tentar encorajá-lo a decidir-se e a assumir com desembaraço e garra suas responsabilidades presidenciais. A meu ver, entretanto, com o passar do tempo, esses esforços encorajadores tendem a revelar-se, não inteiramente inúteis, mas pouco produtivos e decepcionantes.

Bananeira não dá maçã; pecegueiro não dá abacate. Talvez o que mais nos esteja faltando, a todos nós, que hoje viajamos empilhados na carroça da Nova República, seja simplesmente o **reconhecimento** do caráter peculiar e da personalidade verdadeira deste Presidente que vai nos governar nos próximos 45 meses, até março de 1989.

Que espécie de homem público e de chefe de Estado é o Doutor Sarney? É especialmente necessário (e urgente) que ao menos os principais líderes políticos das próprias correntes que apóiam o Governo mais de perto se dêem conta das características do comandante que escolheram; do que se pode (e do que não se pode) esperar dele.

Os norte-americanos sobreviveram razoavelmente bem aos quatro anos de Jimmy Carter, mas a conseqüência das suas fraquezas foi a emergência de Ronald Reagan. O caso brasileiro é provavelmente mais complicado. Nós não temos uma Constituição que dura há 200 anos, e nem sequer hábitos democráticos razoavelmente arraigados.

Ao contrário, estamos começando agora tudo de novo, sem ter nas mãos nenhum mapa da mina. Sabemos o que **não** queremos (o autoritarismo, o estatismo), mas não sabemos bem o que queremos. É a hora das grandes discussões, dos grandes debates ideológicos, do grande confronto democrático entre correntes de opinião e grupos de interesse diversos. Daqui a mais 15 meses, elegemos a Constituinte.

Desde já, entretanto, se pode prever que o resultado desse confronto democrático será inevitavelmente torcido e torto, se às correntes que devem representar a maioria dos cidadãos faltarem, como estão faltando, a liderança e a presença necessárias.

Com o Doutor Sarney refugiado no Torto (tentando conciliar árabes e judeus), cresce enormemente a responsabilidade **política** nacional dos que o fizeram vice-presidente: Roberto Magalhães, Aureliano, Marco Maciel, Antônio Carlos, Setúbal e Ulysses (uma vez que o próprio Tancredo já não está mais entre nós).

E eis aí o que torna as coisas ainda mais complicadas: Roberto Magalhães parece absorvido pelos problemas políticos de Pernambuco; Aureliano, Maciel e Setúbal mergulham nos afazeres dos seus ministérios e fingem não ver o que acontece no Palácio do Planalto; Ulysses, por sua vez, equilibra-se como pode nas suas duas presidências, enquanto o PMDB e a maioria da Câmara desmoronam ruidosamente debaixo dele.

Estão, pois, as correntes do centro democrático sem líderes e sem comando efetivo, enquanto cresce a pressão dos extremos e a demagogia dos oportunistas e aproveitadores. E é assim que vamos indo para as eleições decisivas de 1986 e 88.

Quem será o Ronald Reagan de José Sarney? Por enquanto, não se pode saber sequer se ele será de direita ou de esquerda. Ou se será apenas mais um desses caudilhos populistas, subgetulianos, como aqueles que tivemos há 30 e 40 anos atrás. A carroça da Nova República não tem burro nem cocheiro, e começa a escorregar pela ladeira, de marcha à ré. Vamos ver quem segura.